

Leituras na primeira pessoa do plural

Danusia Aparecida Silva¹
Departamento Ciências Humanas, Letras e Artes
Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC
Lages – SC – Brasil

Correspondência:
Rua Horácio Lenzi, 61, Centro
Lages/SC
CEP: 88503-050
E-mail: danusia@uniplac.net

Artigo recebido em 09/09/2008

Aprovado em 05/02/2009

Resumo

O êxito na socialização do gostar de ler advém, muitas vezes, da metodologia assumida pelo professor, a quem compete, em primeiro lugar, inteirar-se do texto e paulatinamente captar-lhe as sutilezas. Ciente, então, de que a leitura é condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual, o professor tece os fios que enredam o aluno ao livro, tornando-o leitor. Contudo, não se pode olvidar a influência do ambiente familiar, o convívio precoce com os livros como bem o comprovam inúmeros escritores. Não menos convincentes os depoimentos dos professores que, já no Ensino Superior e no exercício do magistério, sentiram-se fisgados pela leitura, sobretudo a literária, constituindo seus depoimentos o ponto alto deste artigo.

Palavras-chave: Gosto pela leitura. Professor. Cidadania.

Readings in the first person plural

Abstract

Success in the socialization of the pleasure of reading often comes from the method used by the teacher, who is responsible, first and foremost, for knowing the text and slowly capturing its subtleties. Aware, then that reading is indispensable for social development and individual fulfillment, the teacher weaves the threads that will bind the student to the book, turning him or her into a reader. However, one cannot forget the influence of the family environment and exposure to books from an early age, as many writers have demonstrated. No less convincing are the statements of teachers who in Higher Education and in the exercise of the teaching career, become hooked by reading, particularly literature, their statements constituting the high point of this article.

Keywords: Pleasure in reading. Teacher. Citizenship.

¹ Doutora em Letras; Professora das disciplinas: Administração da Comunicação, Comunicação Empresarial, Estudo da Linguagem, Literatura Brasileira, Produção Textual Acadêmica e Redação e Linguagem Jurídica.

A triangulação – professor(a) – escola – exercício do magistério – passa por um mediador, a literatura cuja qualidade determina o estímulo e o gosto pela leitura, interiorizando a obra que expressa esse tema à circulação a que aspira. É como se a ficção miniaturizasse seu processo de difusão, atribuindo aos educadores o papel de reforçar sua função e divulgação na sociedade. Ocorre que nem sempre os encarregados de executar essa tarefa, os mestres ficcionalmente representados, constituem seres propriamente capazes, frustrando os resultados ao falharem existencialmente. (ZILBERMAN, 2001, p. 133).

Preocupa-me sobremaneira a formação do professor-leitor, sua tendência literária, seu gosto em contar histórias, com o intuito de acicatar o prazer de ler em seus alunos. Sem subestimar o texto funcional, trago à emergência o literário pelo seu valor polissêmico. Além de informar sobre temas históricos, sociais, existenciais e éticos, a narrativa literária permite ao leitor viver situações inusitadas. Entre a poesia e o funcional, o texto literário impõe ao mediador uma bagagem de leitura que lhe permite captar as sutilezas e as belezas contidas nos livros. O professor, ressalta Faria (2004), para elaborar seu trabalho de leitura de livros com seus alunos, crianças e adolescentes, precisa, em primeiro lugar, inteirar-se da obra como leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem pensar ainda na sua utilização em sala de aula. Só depois fará a leitura analítica, reflexiva, avaliativa, pois o nível de recepção e competência do leitor amplia-se, aprofunda-se na medida em que potencializa as emoções e os sentidos.

No dizer de Maria Helena Martins (1992), o processo da leitura efetiva-se a partir do contexto pessoal de cada um, o que comprovam os depoimentos de escritores acerca de sua iniciação com o objeto livro. Sobre suas primícias na leitura e no amor aos livros, Cecília Meireles (1983, p. 3) declara:

[...] antes de saber ler já gostava de brincar com livros [...] sempre gostei muito de livros e além de livros escolares, li os de histórias infantis, e os de adultos dentre estes *Os três mosqueteiros* que fora de meu avô. Aquilo era uma história que não acabava nunca; e acho que esse era o seu principal encanto para mim. Descobri o Dicionário, uma das invenções mais simples e mais formidáveis e também achei que era um livro maravilhoso, por muitas razões. [...] Antes de brincar com livros gostava de ouvir histórias. Minha pajem, uma escura e obscura Pedrina, foi a companheira mágica de minha infância. [...] e não só contava histórias, mas dramatizava-as, cantava, dançava e sabia adivinhações. O meu interesse pelos livros transformou-se numa vocação de magistério.

Também Sartre, em sua autobiografia, relata sua iniciação à leitura literária. Ainda jejuo do alfabeto, apoderou-se de um livro para adultos e, fazendo de conta que o lia, contava a si próprio uma história em voz alta, pronunciando zelosamente todas as sílabas. Surpreendido, seu avô decidiu ensinar-lhe o alfabeto e o menino Jean-Paul Sartre passou a empreender incríveis aventuras em territórios indicados para adultos. Os livros foram seus passarinhos, seus ninhos, seus animais domésticos, seu estábulo e seu campo. Mas também o deleitavam as histórias de fadas contadas por sua mãe.

Guido Wilmar Sassi, escritor catarinense, atribui a gestação de sua vocação de escritor a um surrado dicionário, ao qual deu o *status* de ícone. Encontrou-o, quando criança, na mesa de leitura de sua avó. De tão velho, já estava sem capas, sem as páginas iniciais e finais, começava na página 17, não tinha as letras W, X, Y, Z, e a V era incompleta. Nunca soube quem foi seu autor. Depois de viagens pelo maravilhoso léxico é que descobriu os livros infantis e os demais gêneros até a ficção científica. Recordando suas primeiras leituras, menciona sua grande biblioteca oral: Gertrude Hamitzsch, sua avó, que o apresentou a certo Shakespeare. Muito antes de aprender a ler, conheceu *Romeu e Julieta*, *Desdêmona*, *Otelo*, *Hamlet* e a solene máxima *To be or not to be*.

Deitado no chão de seu quarto, Alberto Manguel (1997) leu *Alice no país das maravilhas*, *Cuore*, *Aventuras de Bomba*, *o menino da selva*. A despeito do isolamento a que se submetia, declara jamais ter se sentido sozinho. Cada livro era um mundo em si mesmo e nele se refugiava. Muitas vezes, à noite, enquanto a babá costurava em sua máquina elétrica ou dormia roncando na cama ao lado, tentava chegar ao fim do livro que estava lendo. O que os livros lhe contavam, por mais fantástico que fosse, era verdadeiro e tangível no momento da leitura.

O ato de ler foi se dando na experiência existencial acionado pela percepção, fato sublinhado por Paulo Freire (1991) em suas lembranças de quando ainda não lia a palavra, mas no quintal de sua casa lia a maneira e o miado manhoso dos gatos, o mau-humor do velho cachorro negro de seu pai e, lá na rua, ao cair da noite, lia as luzes acessas pela vara mágica do acendedor de lâmpadas.

As memórias dos escritores trazem ao hoje as lembranças de minha iniciação no universo das histórias. Deliciava-me o arrojo do príncipe despertando a Bela Adormecida imersa num sono secular, para depois viverem felizes para sempre. Ou me tornava tensa na cruel expectativa de que o lobo conseguisse arrombar a porta e devorasse os sete cabritinhos. De João e Maria, evoco o dedinho fino do menino, a gargalhada macabra da bruxa e a angústia que perpassava todo o meu corpo e alma ante a impossibilidade de ajudar a pobre

menina. Mas toda essa sofreguidão se esvaía diante do quadro mais doce para as crianças do mundo inteiro: a casinha de bolachas e chocolate na floresta.

Não há como esquecer as histórias contadas pela jovem professora, no Jardim de Infância. Em casa, a palavra-voz materna perpassava meus ouvidos e transportava-me aos fundos quintais fluminenses, povoados de bananeiras e laranjeiras, sob as quais Casimiro de Abreu cantava seus oito anos.

Minha primeira incursão no código alfabético deu-se nas páginas do Jornal Correio do Povo, do Rio Grande do Sul. Mergulhada naquela sequência de letras pretas, tentava desvendar-lhe os segredos, desenhando-as no papel pardo em que vinha embrulhado o pão diário comprado no armazém da esquina. Do primeiro livro literalmente lido, O Bem-Te-Vi feiticeiro, guardei a ilustração da capa e o símbolo da Editora Melhoramentos. Ao final do 1º ano escolar, o livro recebido como prêmio encheu-me as vistas pela beleza das ilustrações. Domadora, então, das letras e das frases, passei a bisbilhotar o armário dos livros escolares de minha mãe.

E foi neles que conheci Esopo, Camões, Viriato Correa, os poetas do Romantismo e uma saga de heróis. A cada Natal o presente infalível: um livro que me levava ‘a terras distantes’. A mudança de faixa etária não arrefeceu o gosto nem a curiosidade, e longas horas passava imersa nas páginas do Almanaque Tico-Tico; o Anuário de Nossa Senhora Aparecida, a revista O Cruzeiro; o Guia Serrano, único jornal editado em Lages, a Coleção Menina e Moça da livraria José Olympio, a pequena, porém rica Seleções Reader’s Digest.

No colégio, o caminho para a biblioteca tornou-se rotina semanal e incontáveis foram os livros lidos, as emoções vividas e as lições apreendidas, como o jogo do contente da inglesinha Pollyana. Descobri, muito cedo, no convívio da família, o prazer de ler, o que me possibilitou criar novos horizontes de sonhar, viver e conhecer.

O ato de ler tornou-se minha atividade lúdica solitária, mas sempre agradável. Hoje, em meu desempenho docente, a leitura é a grande contemplada, seja jornal, revista, texto informativo ou literário. Em todos os níveis em que atuo – na Universidade, em cursos de capacitação para professores –, aponto as veredas do sertão infindo do conhecimento e do prazer. Despertar e cultivar no aluno a apetência pela leitura literária, em especial, impõe ao professor um empenho contínuo, fundamentado nas balizas da qualidade. Acionada por essa certeza, há anos venho ministrando cursos, oficinas, proferindo palestras a professores. O ato de ler, em mim impregnado como uma atitude atávica, convence-me cada vez mais de suas benesses e impulsiona-me a induzir meus pares a se apaixonarem, começando pelos clássicos

da literatura infantil. Lemos para amar e enxergar melhor, como respondeu o lobo mau a Chapeuzinho Vermelho.

Os excertos colhidos de professores corroboram as palavras de Zilberman, na epígrafe deste artigo: Aos educadores compete reforçar e divulgar o gosto pela leitura. Neste sentido, cabe a apresentação de depoimentos de alguns professores que receberam capacitação em Literatura Infantil (Projeto mantido pela Secretaria Municipal de Lages, no período 1996 a 2006), bem como dos que cursaram Pedagogia na Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac), em Lages, em cujo currículo foi inserida a citada disciplina a contar de 1997.

A literatura infantil muito me ajudou em minha docência. Descobri que adoro ler histórias para as crianças. É um momento fascinante, apaixonei-me pela literatura e vou alimentá-la com muita leitura. (E. C., Curso Pedagogia, 2002).

A literatura infantil deve servir como um despertador do imaginário infantil, transformando crianças em cidadãos sensíveis através das obras clássicas, bem como das contemporâneas. Se cada acadêmica puser em prática tudo o que aprendeu nessas aulas riquíssimas, teremos uma nova geração de leitores. (J. L. M., 2002).

[...] também refleti sobre a magia que uma história tem, pois penetra em nossa alma. [...] Não foi por acaso que Jesus ensinava contando lindas e emocionantes histórias. As histórias preparam a crianças para entender e vivenciar as coisas boas e ruins da vida. Ouvindo e lendo ela se prepara, amadurece a experiência e a razão. (M.O., Pedagogia, 2001).

[...] É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, outra ética, outra ótica [...] e ficar sabendo História, Geografia, Filosofia sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...]. Deve-se trabalhar a leitura em sala de aula apontando ao aluno que precisa ser mergulhado no mundo da escrita pela leitura, ultrapassando a superfície do texto, fazendo reflexões que vão além do mero reconhecimento e da mera repetição [...]. As atividades trabalhadas nas aulas de Literatura Infantil foram excelentes, motivando as acadêmicas a trabalharem da mesma forma com seus alunos. Meus futuros alunos terão, com certeza, uma professora consciente, madura e leitora, sabendo aonde pretende chegar, ou melhor, levá-los. Li, nesse período de aula Perrault, Irmãos Grimm, Andersen, Monteiro Lobato, sem falar em Manuel Bandeira, Ruth Rocha, Eva Furnari, Ziraldo, Sylvia Orthof entre outros. [...]. O último livro que ouvi e simplesmente me fascinou foi “A história de uma folha”. Foi um dos mais lindos, talvez pela maneira como o autor representou um assunto tão delicado que é a morte. (L. B., Pedagogia, 1997).

Literatura é satisfação e alegria nos olhos de quem dela fala e nos olhos de quem ouve. É algo mágico que toca o coração, fala a todos em todos os tempos, em todas as idades sempre de uma forma diferente. Não é só aquilo que encontramos nos livros, como eu pensava, mas sim aquilo que fica gravado em nosso coração. Os livros de literatura infantil devem ser lidos e conhecidos mais que qualquer outro por aqueles que educam uma criança, e como educar é humanizar só se humaniza pela arte, pela sensibilidade, pela beleza. Hoje, tivemos a oportunidade de ouvir um grupo de contadores de histórias que nos maravilhou pela forma de contar. Pude constatar a importância das histórias e causos. Com a literatura nos libertamos de nosso egoísmo e nos transportamos a um mundo que sozinhos não chegaríamos nunca. (K. B., Curso Pedagogia, 2006).

No barco da Literatura Infantil rumamos à cidade da imaginação junto com grandes escritores. Nossa guia, a professora Danusia com segurança e entusiasmo apresentou-nos Charles Perrault, Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen. Com voz e expressão de artista leu-nos uma história intitulada O Barba Azul. E aí começou meu caso de amor com a Literatura Infantil. No dia seguinte o céu sem fim me fazia um convite: entrar no mundo do imaginário. Então avistei a torre de um lindo castelo. Gritei para o alto e longas tranças douradas caíram diante de mim e vi uma mão que acenava para eu subir. Subi e tive um encontro com a bela Rapunzel que me fez um pedido que eu levasse para a sala de aula muita leitura e que eu também lesse muito. Após as aulas de Literatura Infantil meus olhos foram se abrindo mais que outrora. Compreendi o que disse Emília: “O livro é o pão do espírito”, e não menos, a opinião de Rubem Alves para quem toda aula, de física, química, história, matemática deveria ser iniciada com um poema ou um curto texto literário. Assim professores e alunos ficariam mais ricos, mais humanos, mais abertos ao novo. (G.S.O., Pedagogia, 2006).

Os depoimentos de K.B. e G.S.O., professores de Escolas Isoladas, no interior de Campo Belo do Sul/região rural, comprovam a eficácia da inserção da Literatura Infantil em suas vidas e em sua prática docente. Começam a entender a evolução no processo criador e a dimensão educativa da história lida ou contada. Inteirar-se da psicanálise dos contos é fator primacial aos professores, sobretudo, de séries iniciais. A professora A.P.S. (Pedagogia, 2000) sublinha o valor desse conhecimento:

Nunca havia feito este tipo de leitura. Estou aprendendo muito. Como é importante analisar esses fatos antes de ler as histórias às nossas crianças, e assim poder ajudá-las a compreender certos preconceitos e costumes da sociedade. Um grande exemplo, é Riquê do Topete, de Charles Perrault, onde a feiúra e a falta de inteligência se tornam pequenas ou inexistem quando um grande amor

nasce. Não precisamos contar detalhes, pois as crianças são observadoras a ponto de captar, nas entrelinhas, as mensagens desejadas.

A Professora G.S.A. (Pedagogia, 2004) declara:

Depois que comecei entender o que é Literatura Infantil aprendi a viajar nos livros. Quantas vezes fui princesa, fada... No meu imaginário criei uma fada bem preta e magrinha. Até bordei como Penélope que não perdeu a esperança da volta de Ulisses. Com Monteiro Lobato revi o Jeca Tatu que estava na minha memória. Como foi bom fazer caçadas com o Pedrinho. Como foi bom viver sem fronteiras nas segundas e sextas-feiras, nas aulas de Literatura Infantil.

Em tom de Era uma vez... a professora novata na arte de ensinar lembra:

Quando eu era pequena, ouvia histórias de fatos que aconteciam nos sítios, pois meus parentes eram do campo. Adorava ouvir, mas tinha uma certa fascinação pelos clássicos. Não sabia as histórias por inteiro, ninguém me contava o que aconteceu com o lobo mau, quem era Peter Pan, por que Pinóquio mentiu... Hoje trabalho com crianças, e sempre leio para elas, mas depois das aulas de Literatura Infantil mudei meu modo de contar e ler histórias. E não fiz isso sozinha, mudei junto com meus alunos. Após quatro meses vejo a diferença. Se não lhes contar uma história não lhes mostrar livros, gibis... começa a cobrança. Então vejo a sementinha que estou plantando está formando raízes e irá brotar a longo prazo com muita força. É preciso deixar de ser leitor e passar a ser um devorador de livros para assim poder transmitir a preciosidade contida em cada um deles (L. C., Pedagogia, 2004).

A experiência dessa professora, ainda incipiente, reporta Rubem Alves. Em sua crônica Concertos de leitura, o escritor conta que, para ter os poderes da professora, tornou-se um devorador de livros, livros de literatura adulta que não lhe faziam diferença. Ler um livro que não entendia era como viajar por uma terra cuja língua lhe era desconhecida; perdia muita coisa, mas os cenários preenchiam os intervalos das incompreensões. O indivíduo que na quadra infantil conta com uma professora que o contempla lendo literatura, recebe a chave de abrir o mundo.

A.P.S. (Pedagogia, 2002), professora de 1ª a 4ª Série, enquadra-se nesse time, porque ler literatura para seus alunos tem-lhe sido uma experiência extraordinária e confessa satisfeita:

Apesar de as crianças conhecerem um pouco destas histórias, toda vez que as leio ou reconto é como se fosse a primeira vez. Prender a atenção e aguçar a curiosidade de uma criança é tarefa difícil, mas as histórias conseguem isto e muito mais... Eles me esperam ansiosos e empolgados

perguntam o nome da história que irei contar-lhes, quem a escreveu, enfim, perguntam, perguntam e perguntam...

Fertilizados os sentidos dos professores e alunos com os contos de fadas, com o bem e o mal representados pelas personagens e suas ações, é hora de o professor assumir o que apregoa Bettelheim (1980, p. 27): “Explicar para uma criança por que um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da estória, que depende, em grau considerável, da criança não saber absolutamente por que está maravilhada”.

Confiscar, pois, o encantamento implica perda do potencial da estória, razão pela qual devem ser evitadas as interpretações do mediador. Ler e ouvir histórias transforma-se em ato de aprendizagem, contribui para a formação de leitores apaixonados pelos livros capazes de escreverem suas próprias histórias, conforme relata a acadêmica e professora T.F. (Pedagogia, 2004):

Ao retornar aos bancos universitários vi-me realmente diante de situações inusitadas. Há a disciplina Literatura Infantil, que a princípio pareceu-me desnecessária, mas para minha surpresa envolveu-me sobremaneira. Sabe, aquelas historinhas que fazem parte da vida de toda criancinha que se preze? Pois, voltaram às minhas mãos; agora deveria aprender a lê-las com outros olhos. Olhos de quem analisa as entrelinhas, percebe o que não está escrito explicitamente. Hans Christian Andersen, Charles Perrault, Irmãos Grimm tornaram-se nomes familiares. Suas obras que atravessam gerações, demonstram momentos sociais, políticos e econômicos de suas épocas, mas que transcendem sempre. Mesmo eles sendo autores estrangeiros, as situações apresentadas em seus livros podem perfeitamente ter comparativos em nossos dias, pois quem já não se sentiu alguma vez, em algum momento O Patinho Feio? Que garota não sonhou ser resgatada por seu príncipe encantado como Cinderela, Branca de Neve e outras? Quantas vezes imaginei que uma fada madrinha poderia magicamente resolver meus problemas somente com um toque da varinha mágica, como em Pinóquio? Encontrei em meus sonhos até petróleo no quintal de casa, como no Sítio do Picapau Amarelo. Oh! Encadernações envolventes que eu via na biblioteca do tio João. Eu era pequena quando as vi pela primeira vez na casa bonita do meu tio. Tudo era tão bonito e tão mágico que me bastava ficar olhando as capas dos livros nas estantes. Imaginava a textura e o conteúdo de cada volume: eu temia pedir para ler os livros do meu tio. Até que um dia, ele precisou mudar de cidade e onde ele ia morar não comportava uma biblioteca. Então ele perguntou a meu pai se poderia deixar os livros em nossa casa. Que maravilha, pensei! E realmente foi. Eu era uma criança tímida e com aquele arsenal de livros, viajei por muitos anos, naqueles mundos que os livros me apresentavam. As encadernações mágicas tinham vida própria! Desde, então, participei de todas as batalhas de Alexandre, o Grande, a Guerra de Tróia, a saga de Sansão e Dalila e outros mais, inclusive uma coleção de Seleções Reader’s Digest. Obrigada, professora. O resgate dessas memórias mexeu com a

minha emoção. Está sendo uma viagem, dentro de mim que me faz desejar ser um Peter Pan e ser para sempre criança!

A leitura, que estabelece um nível de relação afetiva do leitor com os temas tratados, com as personagens, encontra respaldo em muitos especialistas em literatura infanto-juvenil, como Regina Zilberman, Vera Teixeira de Aguiar, Nelly Novaes Coelho. Quando a aventura de ler um livro qualquer atende aos interesses do leitor, este se identifica com as representações e usufrui do prazer da leitura por se apropriar de um mundo inesperado. Permite ao sujeito leitor imergir num universo imaginário que ultrapassa a linha do saber e desenvolve a criatividade.

No dizer de Aguiar (1988), a atitude criativa é pautada pela intuição e subjetividade, ou seja, pela capacidade de apreender o mundo, isento da lógica, porém respaldado na situação vivencial, nas impressões sensoriais. Assim, cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes, faz perceber o que não percebera. O poder de interpretação do leitor perde-se no passado da história da leitura. Santo Agostinho tentou distinguir entre o texto visto na mente e o texto falado em voz alta (MANGUEL, 1997). A interpretação da história lida encerra mistérios e sutilezas que ultrapassam a decodificação e corroboram a máxima de Calvino (1993), que toda leitura pressupõe uma leitura precedente. Atuando, pois, como referenciais elementares, no ato de ler, os sentidos acionam a compreensão. Por isso, não poucas culturas computam o aprender a ler como rito de passagem.

‘O mundo é dos que leem’, diz a mensagem de Katherine Paterson, para comemorar o Dia Internacional do Livro Infantil em 1994, mas virar as folhas de um livro não é tão simples, visto não estar nas mãos de todo mundo. Todavia a folha de toda e qualquer árvore é a todos acessível. Por isso, a sábia e extraordinariamente simples vida de uma folha vegetal virou *A história de uma folha* nas palavras de Leo Buscaglia (1982). A leitura desse livro acendeu a chama poética entre os professores e as folhas brancas de seus cadernos povoaram-se de versos:

*O jeito folha de ser/ uma simples folha/ no céu a voar/ que folha .../ linda de se olhar!/
Sem a certeza de onde vai chegar!/
Mas com a convicção/ de que o infinito está a alçar.
(A.P.S., Professora Séries Iniciais).*

*Viagem/ tão bela, colorida, tão leve/ voando em qualquer direção/ pegou uma carona
com o vento/ igual nossa imaginação./ Muitas vezes não vemos com os olhos/ mas sentimos*

no coração/ viajamos para onde quisermos/ seja qual for a nação. (I.F., Professora Séries Iniciais).

A folha/ uma simples/ folha caída/ banida da árvore/ que um dia alegrou/ fraca/ envelhecida./ O vento a levou.../ uma alma sensibilizada/ a encontrou/ por sua existência/ e trajetória de vida/ muitos corações acalentou. (L.X.B., Professora Séries Iniciais)

Os registros criativos dos professores reportam à fundamentação teórica do método recepcional focado por Aguiar e Bordini (1998, p. 84):

A atitude receptiva se inicia com uma aproximação entre texto e leitor, em que toda a historicidade de ambos vem à tona. As possibilidades de diálogo com a obra dependem, então, do grau de identificação ou distanciamento do leitor em relação a ela no que tange às convenções sociais e culturais a que está vinculado e à consciência que delas possui.

A perspectiva de que um livro de literatura não se fecha em si, ao contrário, abre-se a todas as formas de diálogo, ratifica o compromisso de todo agente de ensino: abrir espaço para que seus alunos vençam distâncias socioculturais e se apoderem do binômio ler e escrever, capital intelectual que assegura a verdadeira cidadania a todos os brasileiros. Quanto mais leituras o indivíduo acumula, maior a propensão para a modificação de seus horizontes...

Os caminhos da leitura literária oferecem, em todo seu périplo, reflexão, debate, discussões, produções. À guisa de finalização, quero sublinhar o trabalho que, na condição de docente e pesquisadora, venho realizando. O despertar do gosto pelas histórias, pelos livros, a apropriação de conhecimentos levam-me a prosseguir na meta, colocando em pauta o item máximo da educação: professor leitor e aluno leitor. Apesar das possibilidades inexploradas, os testemunhos aqui registrados servem de motivo para incrementar uma reflexão e continuidade do Projeto Formação do Professor Leitor a partir da Literatura Infantil.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1991.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SASSI, Guido Wilmar. **Entrevista concedida Giovanni Ricciardi. O Catarina**. Florianópolis, n. 53, set. 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s.d.

ZILBERMAN, Regina. Leituras sobre o professor: o que diz a literatura brasileira. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2001.